



Ciências Humanas:

Caráter Polissêmico e
Projeção Interdisciplinar

Antonio Carlos da Silva
Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti
(Organizadores)

 **Atena**
Editora

Ano 2021



Ciências Humanas:

Caráter Polissêmico e
Projeção Interdisciplinar

Antonio Carlos da Silva
Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti
(Organizadores)

 **Atena**
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Ciências humanas: caráter polissêmico e projeção interdisciplinar 2

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Maiara Ferreira
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti
Antonio Carlos da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciências humanas: caráter polissêmico e projeção interdisciplinar 2 / Organizadores Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti, Antonio Carlos da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-131-9

DOI 10.22533/at.ed.319210406

1. Ciências humanas. I. Cavalcanti, Vanessa Ribeiro Simon (Organizadora). II. Silva, Antonio Carlos da (Organizador). III. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

“Não creio que possa haver qualquer processo de pensamento sem experiência pessoal. Todo pensamento é repensa” (ARENDT, Hannah. A vida do espírito. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2012, p. 41).

Entramos em um momento histórico que somente com abordagem crítica, pluriversa, multireferenciada e plural poderemos assinalar o que fizemos de melhor como também anunciar o porvir. Os sujeitos sociais experimentam e narram vivências que exigem caráter polissêmico em prol de direitos, bem como matizam novas abordagens sobre exclusões, vulnerabilidades, assimetrias, subalternidades, tendências e interpretações de textos, contextos e agentes interseccionais.

A realidade – por meio de investigação teórica e análise histórica - está sempre em construção e as adaptações se realizam a partir da consciência dos processos mundiais e relacionais de vida social. Deste modo, com projeção interdisciplinar, confirmam emergências de temas, sujeitos e problemas que caracterizam as Ciências Humanas como um campo do conhecimento essencial para desenvolvimento social. São olhares sobre existências, resistências e processos que configuram o objetivo dessa obra.

Tomando esse argumento, o livro resulta de caminhos individuais e coletivos, de pesquisa, ensino e extensão. Tal percurso reflete intenções, desejos e, sobremaneira, trilhas que se cruzam - interdisciplinarmente e compondo partes que versam para além do senso comum - enveredando por bases científicas como instrumento de transformação.

Os dados apresentados e analisados são pontas de iceberg, denotando rigor e metodologias múltiplas. Destacam-se contributos de várias regiões desse país-continental e em diversas modalidades. São esforços para compreender, analisar, demonstrar e criar análises rigorosas e metodologicamente pautadas em fontes e vertentes argumentativas.

Nesse sentido, focalizando nas linhas gerais e valorizando o processo construção de saberes, esse livro faz uma análise dos fluxos e dos conteúdos concernentes aos processos que, em prol da descrição densa, engendram interfaces para compreensão dos fenômenos que nos cercam ao sugerir recomendações para um mundo justo.

Apreender que a totalidade das Ciências Humanas e Sociais fornecem um olhar atento sobre a consistência dos instrumentos, sejam das políticas já existentes como, sobretudo, de avaliação empregados nestes registros de desempenho dos projetos e programas. Os chamados “problemas retorcidos” (Rittel & Webber, 1973), podem não só servir de instrumento, problematizando e oferecendo visão crítica e avaliativa, tendo como centralidade também a aproximação com sujeitos “de carne e osso”, de subjetividades, pessoas (mulheres, idosas, deficientes, privadas de liberdade) e expressões de Humanidade (em suas múltiplas áreas) que tomam a responsabilidade e assumem compromisso ético oferecendo oportunidades para desenvolvimento de ações pertinentes e distantes das “incertezas”.

Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti
Antonio Carlos da Silva

REFERÊNCIAS

RITTEL, H.W. & WEBBER, M. Dilemmas in a General Theory of Planning. In: Policy Sciences 4. Amsterdam: Elsevier Scientific Publishing Company, 1973, pp. 155-169.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

DIÁLOGO ABERTO: TEORIA LIBERTÁRIA E CRÍTICA EMANCIPATÓRIA

Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti

Antonio Carlos da Silva

DOI 10.22533/at.ed.3192104061

CAPÍTULO 2..... 15

CONFLITO E IDENTIDADE NO ESPAÇO PÓS-SOVIÉTICO: O CASO DE NAGORNO-KARABAKH

Danielle Amaral Makio

Larissa de Castro Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.3192104062

CAPÍTULO 3..... 31

PRECARIIDADES (DES)MASCARADAS. TRAMAS ONTOLÓGICAS, RECONHECIMENTOS E GIROS PELAS ABORDAGENS DE JUDITH BUTLER

Angela Virgínia Brito Ximenes

DOI 10.22533/at.ed.3192104063

CAPÍTULO 4..... 45

PROJETO SIM (SERVIÇO DE ATENDIMENTO INTEGRAL ÀS MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR): PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA ÁREA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA MULHERES

Fernanda das Chagas Valente

Flávia Bascuñan Timm

Heloisa Maria de Vivo Marques

Rúbia Cristina Porto

DOI 10.22533/at.ed.3192104064

CAPÍTULO 5..... 57

A CONDIÇÃO DA MULHER EM CONFINAMENTO: CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DA OCUPAÇÃO DO EDIFÍCIO SEDE DA PETROBRAS DURANTE A GREVE DOS PETROLEIROS

Mariana Marujo Velloso

Marinete dos Santos Silva

DOI 10.22533/at.ed.3192104065

CAPÍTULO 6..... 67

A PROTEÇÃO INTEGRAL DAS PESSOAS IDOSAS EM TEMPOS DE PANDEMIA POR CORONA VÍRUS: UM ESTUDO A PARTIR DA PROMOTORIA DE JUSTIÇA DE DIREITOS HUMANOS

Ulisses Campos de Araújo

DOI 10.22533/at.ed.3192104066

CAPÍTULO 7.....	92
A POLÍTICA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO	
Hádria Samille Palhano Galvão	
Jeovana Nunes Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.3192104067	
CAPÍTULO 8.....	104
A FUNÇÃO DA ESPIRITUALIDADE E DA RELIGIÃO NA RESSOCIALIZAÇÃO DOS RECUPERANDOS DA ASSOCIAÇÃO DE PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA AOS CONDENADOS DE PARACATU-MG	
Renato Paulino Borges	
DOI 10.22533/at.ed.3192104068	
CAPÍTULO 9.....	111
AS POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL DE 1967 A 2019 E O PATRIMÔNIO HISTÓRICO FORTIFICADO	
Marina da Silveira e Melo	
Pedro Gomes Januário	
DOI 10.22533/at.ed.3192104069	
CAPÍTULO 10.....	120
O CENTRO HISTÓRICO E A EXPANSÃO DA CIDADE DE SÃO LUÍS: PROTEÇÃO, HABITAÇÃO E EXCLUSÃO SOCIAL	
Marina da Silveira e Melo	
Pedro Gomes Januário	
DOI 10.22533/at.ed.31921040610	
CAPÍTULO 11.....	130
HOOK, LINE, OR SINKER?: CHOICES IN ARCHAEOLOGICAL EPISTEMOLOGIES - TWO SOUTH AMERICAN CASE STUDIES	
John Gabriel O'Donnell	
Klaus Kristian Hilbert	
DOI 10.22533/at.ed.31921040611	
CAPÍTULO 12.....	148
ARQUEOLOGIA SOCIAL INCLUSIVA E CONSERVAÇÃO DA ARTE RUPESTRE DOS SÍTIOS BARRO BRANCO I E TEMPLO DOS PILARES – ALCINÓPOLIS – MS	
Maria Conceição Soares Meneses Lage	
Benedito Batista Farias Filho	
Igor Linhares de Araújo	
Wellington Lage	
Danyel Douglas Miranda de Almeida	
Pablo Meneses Lage	
DOI 10.22533/at.ed.31921040612	

CAPÍTULO 13	162
“COTIDIANO” DE RONALDO MIRANDA: IMAGINAÇÃO VISUAL E CONSTRUÇÃO DA PERFORMANCE DE CANÇÃO DE CÂMARA COM TEMÁTICA CONTEMPORÂNEA E MÚSICA PÓS-TONAL	
Gisele Pires Mota	
DOI 10.22533/at.ed.31921040613	
CAPÍTULO 14	173
INTERDISCIPLINARIDADE: PERSPECTIVAS E DIFICULDADES NA IMPLEMENTAÇÃO NO ENSINO DE FÍSICA ATRAVÉS DA HISTÓRIA E TECNOLOGIAS	
Tathiana Moreira Diniz Ribeiro Cotta	
DOI 10.22533/at.ed.31921040614	
CAPÍTULO 15	184
A IMPORTÂNCIA DAS DISCIPLINAS PEDAGÓGICAS NA FORMAÇÃO DOS LICENCIANDOS DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DO IFTO- <i>CAMPUS</i> ARAGUATINS	
Idrlan Alves Batista	
Rafael de Jesus Costa	
Maiara Sobral Silva	
DOI 10.22533/at.ed.31921040615	
CAPÍTULO 16	196
ESPERANÇA E CONSOLO: UMA HERMENÊUTICA DO LIVRO DE APOCALIPSE PRESENTE NA TEOLOGIA DE MARTINHO LUTERO	
Maelite Costa de Araújo	
João Inácio Bezerra da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.31921040616	
CAPÍTULO 17	203
PARA ALÉM DO CORAÇÃO AQUECIDO: FRATURAS E PEQUENAS CRISES NUMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA COM JOHN WESLEY	
Álvaro Nunes Lorangeira	
Tarcis Prado Junior	
Moisés Cardoso	
Franco Iacomini Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.31921040617	
SOBRE OS ORGANIZADORES	214
ÍNDICE REMISSIVO	215

PRECARIEDADES (DES)MASCARADAS. TRAMAS ONTOLÓGICAS, RECONHECIMENTOS E GIROS PELAS ABORDAGENS DE JUDITH BUTLER

Data de aceite: 21/05/2021

Angela Virgínia Brito Ximenes

Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador. Integrante do Núcleo de Estudos sobre Educação e Direitos Humanos (NEDH/UCSAL/CNPq) e bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).
Salvador – Bahia
Orcid 0000-0003-1249-2172
<http://lattes.cnpq.br/6276225094167283>

A autora foi celebrada neste texto a partir dos múltiplos movimentos intelectuais projetados pelos professores Antônio Carlos da Silva e Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti nas disciplinas: Ética e Direitos Humanos e Família, Ética e Direitos Humanos, respectivamente, durante o mestrado em 2020.

RESUMO: O presente artigo tem como foco visitar o conceito de precariedade na produção de Judith Butler, considerando um pensar ético sob a dimensão-chave da sobrevivência e alteridade. Trata-se de uma inspiração pessoal - durante tempos sombrios e suspensos - em larga medida provocada pela associação da Teoria Crítica e de estudos feministas com o contexto pandêmico mundial provocado pela COVID-19. Sem a pretensão de esgotar o debate acerca da urgência do resgate das Humanidades, a iniciativa apresentada é mais um passo para disseminar trabalhos e críticas acadêmicas

para a sociedade em geral. Aos leitores e às leitoras que buscam adentrar nas narrativas interseccionais e temas como: identidade, reconhecimento, alteridade, indivíduo, (re)existir e resistir na consubstancialidade entre raça, classe e gênero, encerrado pela revisão de literatura contemporânea a partir de base teórica elaborada por Judith Butler.

PALAVRAS - CHAVE: Teoria Crítica, precariedades, ética do cuidado, lutas e lutos.

ABSTRACT: This article focuses on revisiting the concept of precariousness in the production of Judith Butler, considering ethical thinking under the key dimension of survival and otherness. It's a personal inspiration - during dark and suspended times - largely caused by the association of Critical Theory and feminist studies with the global pandemic context caused by COVID-19. Without the intention of exhausting the debate about the urgency of rescuing the Humanities, the initiative presented is another step to disseminate academic work and criticism to society in general. To readers and readers who seek to enter into intersectional narratives and themes such as: identity, recognition, otherness, individual, reexist and resist in the consubstantiality between race, class and gender, closed by the review of contemporary literature based on an elaborated theoretical basis by Judith Butler.

KEYWORDS: Critical Theory, precariousness, ethics of care, struggles and mourning.

"A razão pela qual a repetição e a resignificação são tão importantes para meu trabalho

tem tudo a ver com o modo de eu conceber a oposição como algo que opera do interior dos próprios termos pelos quais o poder é reelaborado. A ideia não é baixar uma proibição contra o uso e termos ontológicos, mas ao contrário, usá-los mais, explorá-los e resgatá-los, submetê-los ao abuso, de modo que não consigam mais fazer o que normalmente fazem.” (BUTLER, 2002, p.159).

“Para mim, a ontologia não se situa em outro nível senão o social nesse tipo de debate, porque eu tento dizer que as “criaturas” humanas – e não somente os humanos – dependem fundamentalmente das instituições sociais para sua sobrevivência e subsistência. Isso significa que quaisquer que “sejam” esses seres, o que eles “são” é constituído no cruzamento dessas relações, o que implica também que, quando as instituições sociais falham, eles ficam ameaçadas de “não ser” ou de formas de morte social. Poderíamos chamar esse processo de uma ontologia social, mas as formas de dependência e vulnerabilidade a respeito das instituições sociais têm tendência a variar, e uma análise que se ativesse a um “único nível de ontologia” não seria possível.” (PAGÈS & TRACHMAN, 2012, p. 2).

11 O SIMBÓLICO E SUA CONTEXTUALIZAÇÃO NO DISCURSO

A filósofa pós-estruturalista estadunidense Judith Butler (1956) e suas obras de textualidades densas provocaram reflexões para além dos estudos feministas e de gênero, alcançando a contemporaneidade de temas ligados à política, linguagem, ética, reconhecimento e distribuição de precariedade. Aqui o termo “precariedade” recontextualizado por diversos autores modernos, tais como Robert Castel (França), Ulrich Beck e Klaus Dörre (Alemanha) e a própria Judith Butler, em sintonia com o novo capitalismo globalizado que articulou novas conjunturas nas sociedades do trabalho e das classes (MACIEL, 2018).

Para compreender a produção da filósofa importa fazer um rápido passeio na sua biografia tendo em conta que a sua figura muitas vezes surge em seus textos de maneira recôndita - bem inspirada pela Teoria do Discurso. Sem a pretensão de aprofundar, os preceitos teóricos e discursivos acerca da Teoria do Discurso, algumas rápidas noções conceituais contribuirão para o entendimento das abordagens butlerianas em suas construções metodológicas em defesa de uma linguagem muito mais performática do que construtivista.

Em linhas gerais, a Teoria do Discurso (TD) se atenta com a compreensão e interpretação dos significados socialmente produzidos, e não pelas explicações causais reais, neste contexto um dos principais objetivos da pesquisa social é delinear as regras e as convenções historicamente específicas que estruturam a produção de significados em contextos históricos também específicos. A ontologia é uma dimensão fundamental da TD, tendo em vista que o “ser” só pode ser compreendido dentro do campo discursivo (CUNHA, 2016).

Em 1996, em entrevista dada ao *Journal of Women in Culture and Society*, Butler

afirma que até mesmo a distribuição de efeitos ontológicos pode se tornar instrumentos de poder para fins de hierarquia e subordinação. Uma provocação a filosofia cartesiana ao propor a inauguração de um novo domínio ontológico (PRINS & MEIJER, 2002).

O “*cogito, ergo sum*” (“Penso, logo existo”) de René Descartes revisitado e reformulado por Butler na medida em que o sujeito é por si só discursivo, portanto, opera na ação e se produz no seu discurso. Ao tomar o discurso como ação a noção de precariedade emerge como realidade compulsoriamente interligada. Na sua visão crítica, a expressão “penso, logo existo” seria a relação mais adequada quando buscamos discutir a materialidade dos corpos.

Para a antropóloga feminista Rita Segato (2003), que também aborda os estudos de gênero em sua fluidez, a simbologia dos discursos está presente independentemente das culturas e das épocas analisadas:

“Lo que es observable es el mayor o menor grado de opresión de la mujer, el mayor o menor grado de sufrimiento, el mayor o menor grado de autodeterminación, el mayor o menor grado de oportunidades, de libertad, etc., mas no la igualdad, pues ésta pertenece al dominio de la estructura, y la estructura que organiza los símbolos, confiriéndoles sentido, no es del orden de lo perceptible a primera vista, sin el uso de las herramientas de “escucha” adecuadas que llamamos, en su variedad, de “análisis del discurso”. El poder se revela, a veces, con infinita sutileza” (SEGATO, 2003, p. 56).

A contribuição de Judith Butler na articulação de novas formas de interpretação dos signos (as performatividades), bem como sua luta pela resignificação de normas legitimadoras como transformação social, sugere uma nova compreensão das estruturas heterocentradas de poder. O reconhecimento da violência praticada contra determinadas comunidades marginalizadas através do complexo processo discursivo potencializando estratégias para um contradiscurso de resistência e subversão em larga medida dialoga com problematizações ético-políticas do pensamento da filósofa Hannah Arendt (2007).

Levando-se em conta que ambas desenvolveram críticas direcionadas ao repensar da ação e do discurso como condicionantes da pluralidade humana, e considerando ainda que suas reflexões no campo da ética, da política e da ontologia proporcionaram intersecções entre as suas vozes o resultado desse encontro de pensamentos móveis e criativos pode ser ilustrado a seguir:

“A pluralidade humana, condição básica da ação e do discurso, tem o duplo aspecto de igualdade e diferença. Se não fossem iguais, os homens seriam incapazes de compreender-se entre si e aos seus ancestrais, ou de fazer planos para o futuro e prever as necessidades das gerações vindouras. Se não fossem diferentes, se cada ser humano não diferisse de todos os que existiram, existem ou virão a existir, os homens não precisariam do discurso ou da ação para se fazerem entender. Com simples sinais e sons, poderiam comunicar suas necessidades imediatas e idênticas” (ARENDRT, 2007, p. 188).

Ao propor que os discursos fazem parte dos próprios corpos dos indivíduos Butler

abre espaço para as possibilidades identitárias deslocadas que ultrapassam os limites de sexo e de gênero. Repensar as construções discursivas (linguagem e interpretação) possibilitou a autora investigar a performatividade inserida em outros contextos universais e subversivos de poder, bem como nos movimentos de resistência à opressão e coalisão das políticas de reconhecimento das pessoas como forma de alianças.

2 | AS INFINITAS INQUIETAÇÕES DE BUTLER

"Uma flor nasceu na rua!

Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.

Uma flor ainda desbotada

ilude a polícia, rompe o asfalto.

Façam completo silêncio, paralitem os negócios,

garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.

Suas pétalas não se abrem.

Seu nome não está nos livros.

É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde

e lentamente passo a mão nessa forma insegura.

Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.

Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.

É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio." (ANDRADE, 2002 p. 118-119)

Judith Butler, nascida em Cleveland, Ohio, no ano 1956 e mesmo descendente de judeus russos e húngaros nunca se declarou religiosa. Sua família fugiu para os Estados Unidos por conta do holocausto o que certamente a motivou rumo às considerações acerca das excludentes de pertencimento ao Estado e pelos não nacionais. As problematizações críticas sempre permearam a vida da autora e serviram de nutrientes para a sua atividade

vocacional resultando, em 1984, o seu Ph.D. em filosofia na *Yale University*.

Por volta de 1990, com a publicação e repercussão do livro “*Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*” e que somente veio a ser traduzido no Brasil em 2003 (“Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade”) Butler ultrapassa as fronteiras da academia e invade espaços de resistência contra os mais diversos mananciais de Poder. Ao abordar questões como: sexo binário, heterossexualidade, identidades, construções de gênero/sexo e regras que governam as práticas sexuais a autora promove o esfacelamento de conceitos e pré-conceitos relacionados aos corpos humanos.

Em 1993, a obra “*Corpos que Importam*” o pensamento intelectual acerca do debate sobre gênero, sexo e sexualidade ganha exames mais destacados, nela Butler explora tal comportamento como uma ação coletiva de repetição das convenções normativas inseridas numa dada sociedade e que exclui as identidades classificadas como marginais.

Surgida no final dos anos 80, a teoria Queer através dos desdobramentos de algumas análises feitas por acadêmicos e grupos ativistas, sem dúvida ganha reforço com a tal performatividade propagada. “Queer adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos” (BUTLER, 2002, p. 58).

A elasticidade da performatividade e sua vinculação com a precariedade dos sujeitos - aqui mesmo colocada como as condições ontológicas de sobrevivência/reconhecimento humano – ultrapassou os limites de outros territórios em temas políticos sensíveis como os desafios da globalização e o neoliberalismo. Será mesmo que discurso como prática social protagoniza tamanho domínio? Para quem olvida tomemos o exemplo o discurso neoliberal que fomenta o empreendedorismo como um novo modelo de sucesso financeiro e profissional.

Em verdade, a autonomia racional e a responsabilização individual trazem consigo a lógica perversa dos agentes políticos interessados em legitimar a ausência de investimentos estatais em serviços públicos básicos para seus cidadãos. “O indivíduo moderno, a que se qualificava como sujeito de direitos, transmuta-se, assim, num indivíduo-microempresa: Você S/A” (COSTA, 2009).

Os atentados terroristas aos Estados Unidos, em 11 de setembro de 2001, e seus rescaldos confrontados pelas vulnerabilidades reproduzidas e pelo valor dos discursos políticos forneceram os enquadramentos para a obra “*Vidas Precárias*” (2004). Nos cinco ensaios que compõem a obra Butler examina com atenção as novas questões ético-políticas do cenário mundial advindas das tensões provocadas por guerras, terrorismos e, violências impostas por fronteiras materiais e identitárias.

“A estrutura do discurso é importante para a compreensão de como a autoridade moral é introduzida e sustentada se concordarmos com o fato de que o discurso está presente não apenas quando nos reportamos ao Outro, mas que, de alguma forma, passamos a existir no momento em que o discurso

nos alcança, e que algo de nossa existência se prova precária quando esse discurso falha em nos convencer. Mais enfaticamente, no entanto, aquilo que nos vincula moralmente tem a ver com como o discurso do Outro se dirige a nós de maneira que não podemos evitá-lo ou mesmo dele desviar” (BUTLER, 2011, p. 15).

3 | A PRECARIEDADE EM SEUS (RE)SIGNIFICADOS

“A perda de algumas vidas ocasiona o luto; de outras, não; a distribuição desigual do luto decide quais tipos de sujeitos são e devem ser enlutados, e, quais tipos de sujeitos não deve; opera para produzir e manter certas concepções excludentes de quem é normativamente humano: o que conta como uma vida vivível e como uma morte passível de ser enlutada?” (BUTLER, 2019, p.13).

O termo precariedade ganhou popularização e novas facetas nos anos 80 através da sociologia francesa representada, por exemplo, pelo pesquisador Robert Castel (1933-2013). Porém, como todo terreno propício, a sementeira de controvérsias, as investigações revelaram o sindicalismo italiano como sendo o lócus da sua verdadeira origem.

O sociólogo brasileiro Ruy Braga em entrevista concedida à Amanda Pupo e Lauriberto Pompeu do jornal O Estado de São Paulo, em 2012, ao responder sobre o significado do termo precariado apontou:

“O conceito sociológico de precariado data dos anos 80. É uma expressão que surge na Itália, com o setor do movimento social autonomista, que começa a fazer uma análise de trabalho atípico. Tenta entender o porquê de as novas gerações, quando entram no mercado de trabalho, não encontrarem as mesmas políticas de bem-estar, sejam públicas ou privadas, que as gerações anteriores haviam experimentado, em especial no tocante à estabilidade. As novas gerações na Itália estavam situadas num mercado de trabalho com mais instabilidade, uma trajetória sócio-ocupacional entrecortada por períodos de desemprego, mais ou menos longos, ou de subemprego.” (BRAGA, s/d).

Obviamente significa muito mais as derivações e influências acerca da palavra “precariedade” do que problematizar a sua gênese. As contribuições do francês Robert Castel admirador das obras do sociólogo Émile Durkheim (1858-1917) e do historiador Fernand Braudel (1902-1985) - além de parceiro de trabalho de Pierre Bourdieu (1930-2002) – que, motivado pelos interesses nos sujeitos marginalizados pelas normas coletivas, sobretudo nos exames da precariedade latente no mundo do trabalho assalariado e das políticas sociais, enfatizavam a urgente necessidade de proteção social do Estado em favor da massa de desempregados.

Ao propor aspectos transversais entre as pessoas marginalizadas e suas vulnerabilidades amplia a compreensão acerca das excludentes impostas às pessoas nas sociedades modernas para além das causas econômicas e profissionais surgidas após

a Revolução Industrial. Para ele, o ser humano marginal organiza para si uma existência precária, nos interstícios da vida social. (CASTEL, 1997).

Butler também bebeu da fonte de Emmanuel Lévinas (1906/1995) com ênfase em muitas reflexões sobre temas ligados a ontologia, valores éticos, autoridade moral, discursos, autossuficiência humana, alteridade e, precariedade (humanização/ desumanização). Sentido do rosto para Lévinas apreendida em sentido muito mais extenso e profundo, como uma espécie de figura de linguagem (catacrese) que empresta o seu conceito para o entendimento a respeito da precariedade da vida.

Em um ensaio intitulado “Vida precária” (2011), Judith Butler recorre a trechos de obras de Lévinas para estabelecer uma relação entre o rosto humano e a captura do sofrimento agonizante que ele carrega com o corpo e com a alma, ressaltando que “o rosto não é exclusivamente um rosto humano”.

“... uma vez que o “rosto” não fala no mesmo sentido que a boca fala; o rosto não é nem reduzível à boca nem, de fato, a qualquer coisa que ela possa balbuciar. Algo ou alguém diferente fala quando o rosto é *comparado a certo tipo de discurso; é um discurso que não vem de uma boca ou, se o faz, não tem uma origem ou, significado último, nela mesma*” (BUTLER, 2011, p.17) (grifos meus).

A imersão de Butler para tentar traduzir a importância dos rostos na produção de uma maior inteligibilidade das pessoas nas abordagens críticas das verdadeiras - e falsas - humanidades prossegue no ensaio com a exemplificação dada pelo próprio Lévinas em que ele faz referência ao texto *Life and fate*, de Vassili Grossman:

“A história... das famílias, esposas e pais de detentos políticos viajando para Lubianka, em Moscou, para as últimas notícias. Uma linha se forma frente a um guichê, uma linha na qual apenas se pode ver as costas do outro. Uma mulher espera por sua vez: [Ela] nunca imaginou que as costas humanas poderiam ser tão expressivas e que poderiam exprimir estados mentais de forma tão penetrante. À medida que se aproximavam do guichê, as pessoas tinham uma maneira peculiar de estender a cabeça e as costas, seus ombros levantados com as omoplatas movendo-se para cima e para baixo em tensão, os quais pareciam chorar, soluçar e gritar” (LÉVINAS, 1996, p. 167).

Assim, Butler nos convida a não apenas contemplar os rostos indefesos, e sim com bastante responsabilidade escutá-los na tentativa de responder às suas agonizantes demandas. Uma relação de interdependência fundamental em relação ao Outro submetida em virtude do correto entendimento da linguagem (narrativa, discurso) construída na relação do sujeito humano/social com os Outros – alteridade – capaz de promover, talvez, a autotransformação.

4 | INTERDEPENDÊNCIA E VULNERABILIDADE X COEXISTÊNCIAS E RESISTÊNCIAS

“Ser humano implica várias coisas, uma das quais o fato de que somos seres que precisam viver em um mundo onde conflitos de valor ocorrem e ocorrerão, e que tais conflitos são um sinal da formação de uma comunidade humana. Como lidamos com esses conflitos também será um sinal de nossa humanidade, um que está, mais significativamente, sendo construído. *Se vamos ou não continuar a impor uma concepção universal dos direitos humanos em momentos de indignação e incompreensão, justamente quando achamos que outros se retiraram da comunidade humana como a conhecemos, é um teste de nossa própria humanidade.* (BUTLER, 2019, p. 115) (grifos da autora).

O pensamento crítico de Butler na problematização da heteronormatividade e a necessidade de um feminismo interseccional, por certo, alvo de exames de alguns teóricos e teóricas influentes, tais como: Seyla Benhabib, Wendy Cealy Harrison e John Hood Williams, não sucumbiu, pelo contrário, gerou reparos nas omissões, interpretações e imperfeições. Para autor, tão imersa nas questões da linguagem discursos e na ação, tal fato em nada surpreende, Butler não foge ao debate.

É totalmente apropriada a compressão de que as contribuições dadas por Butler ao abordar sexo, gênero e feminismos em geral nos anos 90, bem como ao explorar a ética das humanidades em sentido concreto, e não abstrato – violência e responsabilidade – no pós-ataentados do 11 de setembro nos EUA, se entremeiam sob os fios da vulnerabilidade humana.

Para ela, a performatividade pode tranquilamente transitar para além do universo das identidades de gênero e ocupar o campo das ações políticas coletivas. Assim, quando os agentes destituídos de direitos e garantias fundamentais assumem movimentos de resistência à normatividade social imposta, em verdade eles estão performatizando a função de agentes políticos transformadores.

Eis, pois, explicitada a importância da inter-relação dos agentes em detrimento aos conceitos valorativos de autonomia/subsistência humana para Butler. O deslocamento teórico da referida ideia transita livremente através de vários cenários contemporâneos, senão vejamos: no contexto das políticas neoliberais adotadas por vários países do mundo resultando no sucateamento da saúde, educação e seguridade públicas simultaneamente responsabiliza os cidadãos pelos próprios erros em discursos de empreendedorismo.

O movimento de resistência social “*Occupy Wall Street*” (OWS) que começou em setembro de 2011 no distrito financeiro de Manhattan em Nova York, se espalhou por diversos estados americanos mobilizando milhares de pessoas contra o sistema político vigente nos oferece a dimensão da importância da coletividade na defesa de pautas públicas.

Na ocasião, corpos físicos dos mais diversos segmentos etários, profissionais e sociais ocupando os espaços públicos, sem estratégias de atos de violências ou enfrentamentos, representando a força da ação enquanto discurso de dimensão conjunta: ativismo. Quando Butler ao participar do movimento discursou e sua voz mais uma vez reverberou:

“I came here to lend my support to you today, to offer my solidarity, for this unprecedented display of democracy and popular will. People have asked, ‘So what are the demands? What are the demands all these people are making?’ Either they say there are no demands and that leaves your critics confused - or they say that the demands for social equality and economic justice are impossible demands. And impossible demands, they say, are just not practical. If hope is an impossible demand, then we demand the impossible. (BUTLER. Discurso na ocupação de Wall Street em New York, 23/10/2011).

5 | PANDEMIAS E AS DEBILIDADES DO PASSIVO SOCIAL E HUMANO

Questões como a vulnerabilidade, precariedade e vidas passíveis e dignas de luto surgem no pensamento de Butler com a epidemia do vírus HIV/Aids nos anos 80 e 90. Neste sentido, precisamos abrir aqui uma importante consideração pertencente a obra “*Antigone’s Claim*” (2002), traduzido para o português em 2014 para: “O Clamor de Antígona, Parentesco Entre a Vida e a Morte”, na medida em que nela a autora fornece as primeiras pistas sobre o direito ao enlutamento.

Neste contexto, o que Butler reivindica é o devido reconhecimento ético da vida perdida pela morte e a vida que fica presente apesar das constantes validações dos discursos necropolíticos (humanos X não humanos).

“A narrativa da tragédia grega, corroborando a filósofa norte-americana, expõe (para além dos atributos da vontade e do pensamento) uma manifesta relação de poder e hierarquia na forma social. Qual o propósito de quem fala? Há uma identificação manifesta com os interesses e liberdades individuais ou a ênfase encobre a legitimação da violência por intermédio do *ethos* coletivo? O direito a ter direitos, que se torna o cerne da ação política empregada por Antígona ao confrontar as Leis que definem quem tem o direito ao luto – aqui um preâmbulo totalitário que repercutirá nas guerras de ordenamento mundial do final do século XX e início do século XXI – não difere da exclusão das mulheres do espaço público destinado ao fazer política” (CAVALCANTI & SILVA, 2020, p. 5).

Afinal, quem merece morrer e quem merece viver? A comoção do luto não deveria ser pública uma vez que todas as pessoas estão expostas à morte? Em que medida a relação entre o vírus da Aids os problemas de gênero potencializam a estigmatização e a discriminação social da comunidade LGBTQI?

O luto silencioso e contido, a cremação dos corpos abjetos (corpos que não importam em sua materialidade e cujas vidas não são consideradas “vidas”), propagação da ideia de

vírus como castigo de Deus, dão a extensão da ameaça que assombra uma morte em decorrência da Aids.

“A questão que me preocupa, à luz da recente violência global recente, é: quem conta como humano? Quais vidas contam como vidas? E, finalmente, o que *concede a uma vida ser passível de luto*? Apesar de nossas diferenças de lugar e história, minha hipótese é que é possível apelar a um “nós” porque todos temos uma noção do que é ter perdido alguém. A perda nos transformou em um tênuo “nós””. (BUTLER, 2019, p. 40) (grifos da autora).

No livro *“Precarius Life: The Power of Mourning and Violence”* (2004), traduzido para *“Vida precária: os poderes do luto e da violência”* (2015), que foi uma espécie e reação de Butler aos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 nos EUA, o luto dentre outras reflexões, emerge com maior força.

A reação bélica dos EUA na luta contra o terrorismo revelando a intenção do país em se impor como invulnerável e absoluto diante do resto do mundo. A recusa da publicação em obituários dos mortos combatentes, a usurpação de direitos dos prisioneiros de guerra e a grave interferência à soberania das nações exemplificam, epistemologicamente, o processo de desumanização após os atentados.

“...em nível mais radical, como se as palavras que eram ditas 30 anos atrás – mundo livre, imperialismo, opressão, resistência – não se aplicassem mais, como se nenhuma outra linguagem, nenhum outro contexto de pensamento, existisse para expressar e avaliar a situação atual” (RANCIÈRE, 2001).

Hoje, o cenário mundial encontra-se marcado pela pandemia da COVID-19 - uma doença expansão geométrica gigantesca e que trouxe à baila desigualdades sociais e econômicas jamais abolidas. Assim como o vírus HIV reconheceu os “rostos” dos gays, travestis, transexuais, gays, prostitutas e usuários de drogas como os alvos mais vulneráveis, a COVID-19 colocou: as pessoas idosas e as portadoras de doenças pré-existentes como pressão alta, doenças cardíacas, doenças pulmonares, câncer ou diabetes no rol de vítimas de sua preferência.

O contexto em ambas as pandemias inserido nas precariedades econômicas, sanitárias, sociais e políticas presentes nas políticas públicas de governamentalidade do massacre, em comum, elegem as vidas descartáveis e as vidas que merecem sobreviver.

Butler enfatiza a necessidade de problematizar a noção de uma “substituição histórica” da soberania clássica (o direito sobre a morte) pela governamentalidade (gestão das coisas e dos viventes).

“... o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. Em segundo lugar, por “governamentalidade” entendo a tendência, a linha de força

que, em todo o Ocidente, não parou de conduzir, e desde há muito, para a preeminência desse tipo de poder que podemos chamar de “governo” sobre todos os outros – soberania, disciplina – e que trouxe, por um lado, o desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo [e, por outro lado], o desenvolvimento de toda uma série de saberes. Enfim, por “governamentalidade”, creio que se deveria entender o processo, ou antes, o resultado do processo pelo qual o Estado de justiça da Idade Média, que nos séculos XV e XVI se tornou o Estado administrativo, viu-se pouco a pouco “governamentalizado”. (FOUCAULT, 2008, p. 143-144).

Fato é que tanto o vírus HIV quanto COVI-19 nos iguala enquanto seres vivos com medo da morte, no entanto as políticas de indução de precariedade nos diferenciam enquanto vidas. O direito ao luto se apresenta como marca desde o nascimento da pessoa. O cuidar de uma vida, sob a égide do Estado e da sociedade, reconhece e individualiza seus eleitos, somente as vidas que são passíveis e dignas de luto são vidas que importam no processo seletivo.

Uma espécie de normatização de condutas que assegurem minimamente a perpetuação da “vulnerabilidade insuportável”, expressão da própria autora em “Vida precária”. A ode ao individualismo e autossuficiência que promove a desconstrução do Outro que não é considerado nem ser vivo e, nem ser morto, captura nitidamente o enquadramento da performatividade, da vulnerabilidade e da precariedade social e humana tão presentes nas pandemias.

Consoante Butler, os enquadramentos funcionam a partir das normas que estabelecem, de forma seletiva e diferenciada, quais são os sujeitos “reconhecíveis” em uma determinada sociedade, “molduras pelas quais apreendemos ou, na verdade, não conseguimos apreender a vida dos outros como perdida ou lesada (suscetível de ser perdida ou lesada)” (BUTLER, 2015, p. XX). As dificuldades na definição justa e correta das subjetividades produzidas pela morte e pelo luto ganham musculatura quando se morre duplamente: em morte real pela doença e em morte simbólica pelas invisibilidades sociais e políticas.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O medo cega (...) são palavras certas, já éramos cegos no momento em que cegamos, o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos” (...) “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”. (SARAMAGO, 1995, p. 131)

Em breves relatos sobre temas que compõem as diversas visões interseccionais do saber, bem como exaltando as inegáveis contribuições de Butler para além da imaginação científica e política podemos repensar os direitos humanos como instrumentos transformadores e de irreversível apelo de tolerância.

A vida ou condição precária é fundamentalmente uma questão aberta, que nos interroga e nos abre para os outros. Nesse sentido, podemos assimilar a vida como sendo

uma inquietação, uma preocupação, um esforço coletivo em direção ao qual nós devemos estender nossa imaginação científica e política. (KRAUS, 2017)

Por fim, não há como deixar de ressaltar a importância de Judith Butler para a literatura interessada na abordagem da interseccionalidade e dos seus múltiplos sistemas de opressão. A autora com suas investigações teóricas múltiplas sobre identidade de gênero, corpos, precariedades, imigração, poder, política, lutas e lutos provoca uma espécie de reflexão em forma de resistência necessária e urgente para os Direitos Humanos em suas interfaces transdisciplinares.

Buscar a verdadeira identidade pressupõe ressignificações e performatividades em exercícios constantes de solidariedade. O desafio já está posto. Políticas sociais e privadas necessitam ser pensadas como interdependentes, o entrelaçar da economia com a saúde, da produtividade com a qualidade de vida, do lucro com assistência social, o meio-ambiente com sustentabilidade, a morte com o luto, resultando quem sabe, num despertar do estado de apatia social no qual nos descobrimos em pelo século XXI.

“A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma” (COLASSANTI, 1996, p.9)

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. A flor e a náusea. In: Poesia Completa. Introdução de Silviano Santiago. 1.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

ARENDDT, Hannah. A condição humana. 10.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BRAGA, Ruy. Exploração e desemprego definem precariado. O Estado de São Paulo, s/d. Entrevista concedida a Amanda Pupo e Lauriberto Pompeu. Disponível em: <<http://infograficos.estadao.com.br/focas/planeje-sua-vida/exploracao-e-desempregodefinem-precariado-diz-sociologo-ruy-braga>>. Acessado em 10 de dezembro de 2020.

BUTLER, Judith. Vida precária: os poderes do luto e da violência. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2019.

_____. Criticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. Sexualidades transgressoras. Una antologia de estudios queer. Barcelona: Icaria editorial, 2002, pp. 55-81. Disponível em: <https://kolektivoporoto.cl/wp-content/uploads/2015/11/M%C3%A9rida-Jim%C3%A9nez-Rafael-Sexualidades-Transgresoras.pdf>. Acessado em 08 abril de 2021.

_____. Quadros de guerra. Quando a vida é passível de luto? Tradução de Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

_____. Vida precária. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n.1, p. 13-33. Disponível em <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/18>. Acesso em 07 abril de 2021.

CASTEL, Robert Castel. A Dinâmica Dos Processos De Marginalização: Da Vulnerabilidade à “Desfiliação”. Caderno CRH, Salvador, n. 26/27, p. 19-40, jan. /dez. 1997. Disponível em <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18664>. Acesso em 07 de abril de 2021

CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon & SILVA, Antônio Carlos da. Reconhecendo gêneros, desconstruindo poderes: a literatura como transgressão verbal. Revista Tempo & Argumento, 12(31), 2020, e0202. Disponível em <https://doi.org/10.5965/2175180312312020e0202>. Acessado em 07 de abril de 2020.

COLASSANTI, Marina. Eu sei, mas não devia. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. Disponível em: <https://www.marinacolasanti.com/p/biografia.html> Acesso em 08 de abril de 2021.

COSTA, Sylvio de Sousa Gadelha. Governamentalidade neoliberal, teoria do capital humano e empreendedorismo. Educação & Realidade, vol. 34, n. 2, 2009, pp.171-186. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/8299>. Acesso em 06 de janeiro de 2021

CUNHA, K. Silva. Teoria do discurso e conceito de campo: categorias para análise das políticas educacionais. Revista de Estudios Teóricos y Epistemológicos en Política Educativa, v. 1, n. 2, 2016, pp. 265-293. Disponível em www.relepeenrevista.org. Acesso em 04 out. 2020.

DEMETRI, Felipe Dutra; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Performatividade contra a precariedade: modulações do sujeito político na obra de Judith Butler. Rev. psicol. polít. São Paulo, v. 17, n. 39, p. 318-326, ago. 2017. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/8299> Acesso em 04 out. 2020.

DUARTE, André. Judith Butler e Hannah Arendt em diálogo: repensar a ética e a política. In: CANDIOTTO, Cesar & OLIVEIRA, Jelson. (Org.). Vida e Liberdade: entre a ética e a política. 1ed. Curitiba: PUCPRESS, 2016, v. 1, pp. 311-336.

FOUCAULT, Michel. Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

KRAUS, Cynthia. Como Se Coalizar? Corpos Aliados e Democracia. Dissonância: Teoria Crítica e Feminismo, Campinas, vol.1, nº 2, Dezembro de/ 2017. Disponível em <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica/article/view/2991>

LÉVINAS, Emmanuel. “Peace and Proximity”. In: PEPPERZAK, Adriaan T.; CRITCHLEY, Simon & BERNASCONI, Robert (Eds.). Basic Philosophical Writings. Bloomington: Indiana University Press, 1996.

MACIEL, Fabrício. A generalização da precariedade: trabalho e classes no capitalismo contemporâneo. Sociedade e Estado, Brasília, v. 33, n. 3, p. 755-777, Dec. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922018000300755&lng=en&nrm=iso. Acesso em 14 Oct. 2020.

MORETTI, Cheron Z. & ROSA, Graziela. Descautivar o pensamento pedagógico latino-americano: (Des)colonização e (Des)patriarcalização a partir da crítica feminista. *Revista Brasileira de Educação do Campo*, Tocantinópolis, N.4, 2018, pp. 1105-1127. Disponível em istemias.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/5398. Acesso em 5 de abril de 2021

PAGÈS, Claire & TRACHMAN, Mathieu. Une analytique du pouvoir. Entretien avec Judith Butler. *La Vie des idées*, 4 décembre 2012. Disponível em <http://www.laviedesidees.fr/Une-analytique-du-pouvoir.html>. Acesso em 07 de abril de 2021.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os tornam materiais: entrevista com corpos de Judith Butler. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, pp. 155-167, 2002. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100009&lng=en&nrm=iso. Acesso em 16 de dezembro de 2020.

PUAR, Jasbir. Palestra sobre a precariedade: uma mesa redonda virtual com Lauren Berlant, Judith Butler, Bojana Cvejić, Isabell Lorey, Jasbir Puar e Ana Vujanović. *TDR (1988-)*, vol. 56, no. 4, 2012, pp. 163–177. Disponível em, www.jstor.org/stable/23362779. Acesso em 7 abril de 2021.

RANCIÈRE, Jacques. A história em pedaços. *Folha de São Paulo*, 11/11/2001. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1111200107.htm>. Acesso em: 28 dez. 2020 Acesso em 16 de dezembro de 2020.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SEGATO, Rita Laura. *Las Estructuras Elementales de la Violencia. Ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2003.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Antropologia 105, 106, 148

Arqueologia 8, 131, 132, 149, 150, 151

Arquitetura 23, 57, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 125, 126, 130

Arte Rupestre 8, 149, 150, 151, 155, 156, 161, 162

B

Biologia 187, 190, 192, 193, 194, 196

C

Centro Histórico 8, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129

Cidades 112, 113, 116, 120, 121, 129

Conhecimento Científico 49

Coronavírus 58, 62, 64, 65, 66, 68, 82, 83, 92

COVID-19 3, 32, 41, 69, 70, 74, 75, 78, 79, 83, 85, 91, 92

Crise Sanitária 68, 69

D

Didática 96, 107

Direitos Humanos 7, 1, 2, 32, 39, 42, 43, 46, 47, 53, 54, 56, 62, 68, 73, 75, 77, 78, 80, 81, 87, 92, 102, 107, 109, 111, 215

E

Economia Política 1, 5, 7, 11, 15, 41, 61

Educação Inclusiva 8, 93, 94, 95, 97, 100, 101, 103

Ensino 5, 8, 9, 47, 49, 55, 56, 57, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 103, 174, 175, 176, 178, 183, 184, 187, 188, 189, 193, 194, 195, 215

Ensino Superior 8, 49, 93, 94, 95, 96, 97, 101, 103, 175, 176, 188

Estado 3, 4, 5, 8, 9, 10, 12, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 32, 35, 37, 42, 43, 44, 68, 69, 70, 71, 73, 76, 77, 81, 82, 83, 85, 87, 90, 91, 94, 101, 106, 107, 111, 115, 122, 123, 125, 126, 129, 149, 151, 161, 174, 176, 187, 206, 209, 211, 212, 215

Ética do cuidado 32

Exclusão social 8, 121, 125, 127, 211

Extensão Universitária 7, 46, 47, 49, 50, 56, 57

F

Física 9, 48, 54, 87, 89, 90, 96, 98, 99, 100, 112, 118, 121, 129, 171, 174, 176, 183, 196

G

Gênero 1, 4, 32, 33, 34, 35, 36, 39, 40, 43, 47, 48, 53, 54, 55, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 69, 92, 215

H

Hermenêutica 9, 197, 200, 201, 202, 203

Humanidades 3, 32, 38, 39, 131, 215

I

Identidades 16, 20, 23, 24, 36, 39, 109

Imagética Visual 163, 164, 170

Interdisciplinaridade 9, 70, 174, 176, 183, 188, 190, 194

Iphan 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 130, 150, 151, 155, 158, 161

J

Justiça Social 1, 2, 68, 70

L

Lei Maria da Penha 46, 48, 50, 56

Liberdade 5, 9, 28, 44, 53, 70, 71, 86, 87, 88, 107, 110, 120

M

Metodologias 5, 201

Mulheres 5, 7, 1, 40, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 215

Música 9, 163, 164, 166, 167, 170, 171, 172, 211

N

Nagorno-Karabakh 7, 16, 17, 18, 19, 21, 30, 31

P

Pandemia 7, 41, 58, 59, 62, 64, 65, 66, 68, 69, 73, 74, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 91, 92

Patrimônio Histórico 8, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 127, 129, 151, 161

Performance 9, 21, 112, 145, 150, 163, 164, 165, 170, 172, 174, 186

Pessoa com Deficiência 93, 94, 95, 97, 98, 102, 103

Pessoas Idosas 7, 41, 68, 69, 70, 75, 78, 79, 81, 83, 86, 87, 91

Poesia 43, 163, 164, 165, 172

Políticas Públicas 8, 9, 23, 41, 51, 54, 55, 70, 73, 80, 86, 87, 91, 94, 95, 96, 101, 112, 113, 114, 115, 119, 215

Precariedades 7, 32, 41, 43

Protestantismo 204

R

Religião 8, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 213

S

Sistema prisional brasileiro 105

Sítio arqueológico 147, 150, 153, 154, 155, 157, 161

T

Teologia 9, 197, 198, 200, 201, 202, 213, 214

Teoria Crítica 1, 4, 13, 14, 32, 44

Transdisciplinaridade 46, 47, 50, 51, 53, 56

U

UNESCO 113, 116, 117, 121, 122, 126, 161





V

Violência Doméstica e Familiar 7, 46, 47, 49, 50, 53, 54, 55



Ciências Humanas:





Caráter Polissêmico e
Projeção Interdisciplinar

-  www.arenaeditora.com.br
-  contato@arenaeditora.com.br
-  [@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)
-  www.facebook.com/arenaeditora.com.br



Ciências Humanas:

Caráter Polissêmico e
Projeção Interdisciplinar

-  www.arenaeditora.com.br
-  contato@arenaeditora.com.br
-  [@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)
-  www.facebook.com/arenaeditora.com.br